Orgam da UNIÃO POPULAR

ACÇÃO SOCIAL

Escriptorio e Officina Rua S. Antonio 36

Semanario, cujo alvo é trabalhar na realisação dos principios da sociologia christã e na defeza das classes operarias

ANNO V | São João d'El-Rey, (MINAS), Terça-feira, 29 de Abril de 1919 | NUMERO 212

Ordem do dia:

Acção social

Mons. Dr. Fernando Rangel, Vigario geral da Archidiocese do Rio de Janeiro, chamou a attenção dos homens de boa vontade e de espirito catholico afim de combaterem as lamentaveis idéas, que minam entre o operario e começarem a acção social.

«Tudo está por fazer, a começar por demonstrar a incomparavel força do operario a qual elle pode tirar da livre associação», escreve o illustrado deputado Dr. Andrade Bezerra. E' melhor tarde do que nunca, diremos nós.

A acção social que, ha alguns annos, já existe em certas localidades de Minas, e de que sempre tratamos nestas columnas, é muito vasta. Divide-se em cinco partes: a questão operaria, a agraria, a classe media no commercio, na industria e o feminismo.

Sendo, porem, as condições dos operarios mais precarias e, mesmo, exigidas pelas circumstancias actuaes, é natural que comecem pela primeira parte que tambem se pode chamar a questão mais importante.

A questão operaria já foi tratada por Leão XIII nas encyclicas de 28 de Dezembro de 1878, de 15 de Maio de 1891 e de 18 de Janeiro de 1901, depois por Pio X em um *Motu proprio* de 18 de Dezembro de 1903. Nesta, o Summo Pontifice firmou 19 theses que elle mesmo denominou a lei constitucional da acção catholica. A doutrina está, portanto, larga e claramente explicada.

O que agora nos falta é obedecer, reunir, e ensinar ao povo. E' necessario chamal-o, apontar-lhe os deveres de christãos e cidadãos para que depois possam, com toda a justiça, reclamar seus direitos.

«A sociedade humana tal como foi fundada por Deus, consiste em orgãos desiguaes, assim como tambem são desiguaes entre si os membros do corpo humano. Egualar todos é impossivel e teria por consequencia a ruina da mesma sociedade» diz Pio X na primeira these.

E' verdade que todos os homens são eguaes deante de Deus. O capitalista não é mais filho de Deus do que o pobre, o rico não receberá mais recompensa de seus actos do que seu empregado fiel; o nobre não é melhor remido por Christo do que o pequeno. O que desiguala é a virtude, a nobreza da alma. A dignidade real do homem está depositada no seu proceder moral, na virtude, que é o unico bem commum que existe.

Tendo isto em vista, o orgulho do ricaço se amansa e o abatimento do pobre se levanta: para o primeiro é um estimulo á bondade, para o segundo, á resignação.

Que é que seria da sociedade, si todos fossem analphabetos? Onde se deveria procurar superiores, medicos, professores, engenheiros, padres? Todas as cousas desmoronariam em uma confusão medonha. Ha de haver governadores e governados; isso podem os revolucionarios observar até nos selvagens. Mesmo um bando de salteadores tem um chefe, a quem obedecem. E se não existisse auctoridade deveria-se instituil-a por contracto; mas ha auctoridade e não só por contracto, mas pela graça de Deus.

«Patrões e proletarios, ricos e pobres, sabios e ignorantes, sempre existirão. Por isso, antes de tudo, esteja firmado que os inferiores não podem ser postos na mesma linha dos superiores sociaes e que os pequenos hão de se contentar com o proprio logar e a propria sorte. Os Socialistas negam isto, mas é inutil luctar contra a natureza, pois, pela natureza, ha entre os homens grandes e innumeras desegualdades. A differença de intelligencia, de talento, de zelo, de habilidade, de saude, de força physica, tudo isto influe e desta desegualdade necessaria nasce natural e espontaneamente a desegualdade da fortuna. Todavia a differença que ha entre as classes não dá direito aos capitalistas ao monopolio; si os proletarios devem estar resignados com a sorte não quer dizer que não possam reclamar seus direitos. E' muito natural, até ha necessidade de que os desafortunados procurem melhorar seu bem estar dentro dos limites da justiça e da caridade, mas isto não é possivel sem a união e reunião dos operarios.

DR. ATHAYDE PACHECO

Album Catholico de Minas Geraes

O Sr. Edwar Nazario Teixeira, emprezeiro residente na Capital, está organisando um *Album Catholico de Minas Geraes*, que promette ser uma obra de grande valor artistico, historico e religioso.

Comprehenderá o Album photographias das nossas egrejas, sanctuarios, hospitaes e estabelecimentos religiosos de qualquer natureza, acompanhadas de uma bem resumida exposição explicativa, no ponto de vista historico, religioso e economico. Além disto, trará o Album photographias das altas auctoridades ecclesiasticas e das principaes figuras do clero de Minas, bem como de catholicos notaveis, acompanhadas de bem feitas biographias.

Será, pois, o Album um trabalho de arte, de historia e de estatistica religiosa de Minas, trabalho original e de grande utilidade.

Amor e Amor

O Padre não pode amar, não pode ir ao theatro.

II

Mas assim como nem tudo que reluz é ouro, assim tambem nem tudo que se parece com amor é amor.

Disse o celebre Vieira que as mais das vezes as cousas representam no nome o contrario do que são:—o mundo chama-se mundo porque é immundo, a morte chama-se parca, porque a ninguem perdôa, e isso que os homens chamam amor, não é amor, é a negação do amor, é o desamor.

O inspirado autor da Imitação de Christo, colligindo em Santo Agostinho tudo, tudo quanto o amor tem de mais distincto e elevado, diz:

«Nada ha, nem no céo, nem sobre a terra que seja mais suave, ou mais forte, ou mais sublime, ou mais lato, ou mais agradavel, ou mais cheio, ou melhor que o amor, porque o amor nasceu de Deus e elevando-se acima de todas as creaturas, não pode descançar senão em Deus.» Eis ahi o retrato do amor.

O que ama está sempre alegre; corre, vôa, é livre e nada o detem; dá tudo a todos e possue tudo em todos, porque repousa nesse bem unico e soberano que está acima de tudo, donde dimanam e procedem todos os bens.

Dahi vem que os martyres do christianismo, ainda que mergulhados em caldeiras de azeite fervendo, conservavam-se sempre alegres e resignados; dahi vem que os confessores da fé, longe de se mostrarem acabrunhados pelas atrozes e inauditas perseguições que soffriam, apresentavam-se sempre radiantes de alegria; dahi vem que as virgens christãs arrostavam impavidas e desassustadas todo o horrores dos soffrimentos; dahi vem finalmente que todos os santos da Egreja soffreram, mas souberam soffrer, resignados, porque o seu unico objectivo era o verdadeiro amor.

Verdadeira antithese deste amor é no entanto o amor mundano, que traz os amantes sempre tristes, pensativos, acabrunhados, misanthropos.

O amor verdadeiro não se gasta; tendo, como é, toda calma, não póde esfriar.

Uma braza cobre-se de cinza, uma estrella, não,—disse Victor Hugo.

Donde vem, porém, que o amor entre nós não chega á virilidade. A razão de ser o amor pintado menino, disse o immortal Vieira, que era porque faltam amor dure tanto que chegue a ser velho.

E ainda que se encontrem os nobres exemplos dos Jacob, das Rachels, dos Jonathas, dos David, dos Castor e dos Pollux, todavia, pondera o mesmo Vieira, ainda que passe o amor dos sete annos, a idade dos meninos, com tudo não chega á idade do uso da razão.

Bem se vê que Vieira se refere ao amor meramente humano, sem ter o seu reverbero no verdadeiro amor. E se, não, vejamos.

Em outra passagem, diz elle:

«O amor nasce dos olhos e quem pintou-o com os olhos tapados devia ser cego; o amor verdadeiro sempre está com os olhos abertos».

O paganismo sobre pintar o amor menino, pintava-o cego, porque tão grande foi a cegueira do paganismo, tão mundana era o amor, que o amor de luz tornou-se treva, de vida, morte, de virtude vicio, de bem tornou-se mal e de olhos videntes tornou-se cego.

A reducção do universo a um unico ente, a dilatação de um unico ente até Deus, eis ahi o amor, disse o poeta; e se os antigos não chegaram a essa reducção, ou não dilataram o amor até o alfa e o omega, o principio e o termo do amor, é porque fecharam os olhos á luz da razão.

O amor é a origem, a causa e o fim de tudo quanto é nobre e bello. O vulgo crê, como na fabula, que a belleza é a mãe do amor, no entanto é o amor que gera a belleza. Toda a creatura é boa, todo o proximo é digno de nossa estima, se o considerarmos pelo prisma do verdadeiro amor, emanado do preceito por excellencia—*diliges alter alterutrum*.

Quando Deus creou o homem soube dar-lhe um corpo material, deu-lhe uma alma immortal, fel-o á sua imagem e semelhança. De maneira que aquelle que não ama a creatura como imagem e semelhança de Deus, vae de encontro ás regras do verdadeiro amor e se converge materialisar o amor.

BENEVIDES.

O primeiro ALLELUIA

Da madrugada as purpuras cahiam,
Surgindo sobre os montes da Judéa;
As trevas corriam,
Batidas pela espada aurea da luz,
No jardim de José de Arimathéa,
Onde estava o sepulchro de Jesus.

Andava uma alegria indefinivel
Pela face das cousas...
Feixes de flores a sorrir se abriam,
Aves revoltas a cantar surgiam
Nada do pranto e do terror das lousas.
—Havia um morto alli? A essa questão
A rocha, a terra, o céo, o sol nascente
Podiam responder incontinente:
—Não!

Fóra, encostada ás pedras do sepulchro,
De uma palmeira sob as largas comas,
Magdalena chorava.
Ella viera embalsamar de aromas
O corpo do Senhor, e... não achava!
O seu divino amado
Quem o tinha levado?
Oh!... que pungente, que mortal desgosto!
Onde é que O tinham posto?

Queria vel-O ainda!... Sim... queria
Beijar-Lhe os pés, adoral-O e pedir-lhe
Mais uma vez perdão!
Queria atingir aquella santa mão,
Aquella mão bemdita e omnipotente
Que tanta vez abençoado havia
Sua fronte humilhada e penitente!
Quando O encontraria?...
A triste não sabia!...
E ficava-se alli, quieta, chorando,
N'uma profunda e immensa agonia,
A olhar para o Sepulchro aberto e mudo,
Emquanto, em roda, o sol dourava tudo.

Notou, emfim, que alguem se approximava
Por entre as espessuras,
Dos arbustos em flor.
O hortelão, talvez. Volta-se, presto,
Do pranto envolta pelas ondas puras,
E olha-o de face. Ah! com certeza aquelle
Homem sabia d'Elle...
Mas o hortelão diz, grave e modesto:

«Porque choras, mulher? a quem procuras?»
Dando expansão então á immensa dôr,
Magdalena responde
Fóra de si, afflicta a soluçar:
«Se o tiraste, senhor,
Dize-me onde o puzeste!... Dize!... onde?
Eu o irei buscar!...»

O desconhecido, com celeste calma,
Contempla-a docemente
E diz: «Maria!...» Immediatamente
Ella cae de joelhos. Na sua alma,
Faz-se, de chofre, a luz...
Logo nos olhos se lhe estanca o pranto
E, agora, um grito de prazer e espanto
Soltam seus labios: «Mestre!...
Era Jesus.

«Não me toques! Ainda não subi
Ao reino de meu Pae.
Aos meus irmãos tudo o que viste aqui
Vae dizer. Anda, vae.»

Maria levantou-se. No seu rosto
Um infinito jubilo tinha posto
Purpuras mais gentis
Do que as rosas de luz que a aurora abria
Nos flancos do Oriente. Vae Maria,
Mensageira feliz,

Vae narrar o prodigio ao mundo inteiro!
Vae murmurar o ALLELUIA primeiro
Que o mundo illuminou!
E ella foi. E foi della e de seus labios
Que sahiu, até ás cathedras dos sabios:
—Alleluia! Jesus resuscitou!

Amelia Rodrigues

(Vozes de Petropolis)

AO CLERO — AOS CATHOLICOS — AOS AMIGOS DA BOA IMPRENSA

Entre os muitos jornaes e revistas que se publicam na capital de nosso paiz, surgiu em Julho do anno findo O PHAROL, revista illustrada, de publicação mensal e com orientação catholica. O PHAROL já conseguiu a approvação de S. E. o Cardeal Arcoverde, possue um assistente ecclesiastico e já obteve a approvação e benção da maioria do episcopado brasileiro.

Apezar de modesta, é uma revista bem feita, bem collaborada, e com probabilidades de ser muito melhorada, se os catholicos e amantes e propagandistas da boa imprensa a auxiliarem como é de esperar.

Porque não teriam e não poderão os catholicos de todo o Brasil manter na capital do paiz uma revista catholica? O PHAROL, se encontrar o auxilio que merece, será pouco a pouco muito melhorado, augmentando o numero de paginas, a materia de redacção e collaboração, as illustrações e noticiario. Não introduzimos já estes melhoramentos, para não assumir compromissos, evitando assim um fracasso.

Precisamos em cada cidade, em cada parochia, uma pessoa activa para agente e correspondente, e que nos obtenha pelo menos 5 assignantes. Que cada assignante nos obtenha um outro e em pouco tempo o PHAROL será uma revista modelar, cuja leitura será disputada pelos proprios indifferentes. A assignatura do O PHAROL custa apenas 7$000.

Toda a correspondencia, quer relativa a agentes, annuncios, etc., deve ser endereçada a J. Luiz Arens, Redacção do O PHAROL, Caixa postal—1872.

A redacção acceita e agradece a remessa de photographias de vistas, paisagens, monumentos, festas religiosas e civicas para serem publicadas.

Pede-se aos demais jornaes a transcripção da presente nota.

Redacção do "PHAROL".

Allemanha.

Hungria.

Collegio Coração de Jesus

Attendendo a instantes pedidos de diversos amigos, resolvi abrir no proximo anno um collegio para meninas, admittindo nelle alumnas internas e externas e dirigido por mim e minhas filhas.

As aulas deverão começar em Fevereiro e terminar em Novembro e o ensino ministrado será dividido em curso primario e secundario, trabalhos de agulha e pintura, desenho e musica (piano, canto ou outro instrumento). Destas materias as que serão pagas separadamente são: desenho, pintura e musica.

As despezas deverão ser pagas adiantadamente:

INTERNATO:

Pensão (por trimestre) adiantada: ... 180$000 mensaes por alumna
Lavagem de roupa ... 6$000 mensaes
Livros, objectos de uso, medico e pharmacia, por conta da alumna

EXTERNATO:

De cada alumna, (curso secundario) ... 10$000 mensaes
Idem (curso primario) ... 5$000 mensaes
Ensino de musica ou pintura ... 10$000 mensaes

S. João d'El-Rey, 1 de Dezembro de 1918

João Feliciano de [illegible]oza.

NOTA — Não podendo acceitar numero illimitado de alumnas, pede-se fazerem pedido de matricula até metade de Janeiro do futuro anno.

FOLHETIM

SYLVIO PELLICO

MINHAS PRISÕES

Traducção do Dr. F. Ignacio Carvalho Rezende

CAPITULO XLIX

Ainda na imaginação se me debuxavam vivo aquelle incendio, quando poucas noites depois (ainda não me tinha deitado e estava á mesa estudando, todo transido de frio) ouço vozes pouco distantes; eram as do carcereiro, de sua mulher e filhos, e dos ajudantes, que gritavam — *Mas, senhor patrão, que havemos de fazer destes engaiolados pelo o fogo continua?*

O guarda respondia. — *Eu cá por mim não tenho coragem para os deixar torrar. Mas não se podem abrir as prisões sem licença da commissão. Assim corra depressa a buscar essa licença.* — *Vou de carreiras, senhor; mas a resposta não chegará a tempo, fique certo.*

E onde estava aquella resignação que eu tanto presumia possuir ao pensar na morte? porque me trazia febre a idéa de ser assado vivo? Como se maior prazer houvera em deixar-se estrangular do que em morrer queimado? Reflecti nisso e fiquei corrido de minha timidez, estava por gritar pelo carcereiro que pelo amor de Deus me abrisse a porta e contivesse-me. Entretanto eu tinha medo.

— Eis ahi, disse eu, qual será a minha coragem, se escapar do fogo e for levado ao patibulo. Teria de me refriar, encobrirei dos outros minha fraqueza, mas hei de tremer. Embora!... não é tambem coragem o dissimular o susto, quando muito temos? Não é tambem generosidade o trabalhar por dar de vontade aquillo que havemos de dar com violencia? Não é obediencia obedecermos contrariados?

O grande alvoroço que ia pela casa do carcereiro indicava um perigo sempre crescente. E não voltava o segundo que fôra buscar licença para nos tirarem d'alli!

Finalmente, pareceu-me ouvir lhe a voz. Pus o ouvido alerta, mas não pude distinguir suas palavras. Espero... espero; debalde! ninguem apparece. Será possivel que não consintam ficarmos a salvo das chammas? E se não houver já meio de escaparmos? Só o carcereiro e sua familia só cuidassem de salvar-se a si e ninguem se lembrasse mais dos pobres engaiolados?

— Mas, seja o que fôr, isto é não ter philosophia, é não ter religião!

Não fôra melhor que eu me preparasse para ver as chammas penetrarem no meu carcere e devorarem-me?

Entretanto, ia diminuindo o rumor. Dahi ha pouco era tudo silencio. Seria isso uma prova de haver cessado o incendio? Ou teriam fugido todos os que puderam, só ficando alli as victimas destinadas a tão cruel destino?

A continuação do silencio me tranquillisou, vientão, que o fogo devia estar extincto. Fui para a cama, exprobei-me, com a fraqueza, as angustias por que passara, e quando já nenhum perigo havia de eu morrer queimado, sinto o não ter antes devorado pelas chammas do que ter, dentro de poucos dias, de acabar ás mãos dos homens.

Na manhã seguinte soube de Tremerello como fôra aquelle incendio e ri-me do medo que elle me disse ter tido como si o seu não fosse egual ou maior do que o delle.

CAPITULO L

Aos 11 de Janeiro de 1822, pela volta das 9 horas da manhã, Tremerello procura ensejo de vir ter commigo e diz-me todo sobresaltado:

— O Senhor sabe que na ilha de S. Miguel de Murano, aqui juncto de Veneza, ha uma prisão onde estão talvez mais de cem carbonarios?

— Já m'o disseste por mais de uma vez. Pois bem... que queres dizer? Vamos, falla. Ha entre elles muitos condemnados, não é assim?

— Muitos.

— E quaes são elles?

— Não sei.

— Estará tambem comprehendido o meu pobre Maroncelli?

— Ah! senhor, não sei, quem sabe. — E partiu enfiado e olhando-me com ar de compaixão.

D'ahi a pouco chegou o carcereiro, acompanhado dos dois segundos e de um homem que eu nunca tinha visto. O carcereiro parecia consternado. O desconhecido tomou a palavra:

— Senhor, ordena a Commissão que me acompanhe.

— Vamos, disse eu, e vós quem sois?

— O carcereiro das prisões de São Miguel, para onde o senhor vae ser mudado.

O carcereiro dos chumbos entregou-lhe o meu dinheiro que estava em seu poder. Pedi e obtive permissão para abraçar os segundos. Em seguida minha roupa sob o braço, a Biblia debaixo do braço e parti. Ao descer aquella immensa escadaria, Tremerello apertou-me furtivamente a mão, como se quizesse dizer-me: — Desgraçado! estás perdido.

(Continúa)